

Siri do Pacífico ameaça ecossistema

Verônica Falcão - Jornal do Commercio - PE
19 de Março 2004

Dois tipos de camarão também se constituem espécies invasoras. Entre fevereiro de 2003 e janeiro deste ano, pesquisadores capturaram na Praia de Tamandaré cinco exemplares de siri-de-espinho.

Mais uma espécie de crustáceo estranha à fauna local foi encontrada na costa pernambucana. O invasor é um siri originário do Pacífico, de onde também vieram dois tipos de camarão detectados em 2001. Entre fevereiro de 2003 e janeiro deste ano, pesquisadores capturaram na Praia de Tamandaré cinco exemplares da espécie, denominada cientificamente de *Charybdis hellerii*. Dois deles eram fêmeas ovadas.

O fato de estarem reproduzindo é um motivo a mais de preocupação entre os cientistas. "Isso mostra que o animal está completando seu ciclo de vida aqui, ou seja, se encontra plenamente adaptado", explica a bióloga Maria do Carmo Ferrão Santos, do Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste (Cepene/Ibama), com sede em Tamandaré, Litoral Sul do Estado.

Espécies invasoras, lembra a pesquisadora, se constituem numa ameaça à fauna local. Podem competir por alimento e espaço com as nativas, além de transmitir vírus ou bactérias estranhos aos crustáceos locais. "E, teoricamente, por estarem tentando se estabelecer num novo ambiente, competem mais agressivamente que as já estabelecidas", considera Maria do Carmo, que identificou a espécie com a ajuda do especialista em crustáceos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Petrônio Coelho.

A bióloga ainda não sabe como o siri-de-espinho apareceu no litoral pernambucano. A hipótese mais provável é que larvas da espécie tenham sido transportadas por navios, na chamada água de lastro. Grandes embarcações, principalmente as de transporte de carga, costumam encher os porões vazios com a água do mar no porto de origem. A água é despejada no destino, antes de o navio ser carregado.

A água de lastro confere estabilidade aos navios. "É provável que ocorra renovação da água de lastro nas proximidades do porto do Recife ou de Suape. Assim, larvas do siri-de-espinho teriam alcançado Tamandaré levadas pelas correntes marinhas, que nessa área ocorrem no sentido Sul."

Depois de coletar as duas fêmeas ovadas, no mês passado, a pesquisadora preparou um relatório para ser enviado pelo Cepene à Diretoria de Fauna e Recursos Pesqueiros do Ibama, em Brasília. "É preciso dar continuidade às pesquisas para, depois, as autoridades decidirem qual a melhor medida para conter a invasão dessa espécie invasora."

Invasores - Esse vaivém da água de um oceano para outro já trouxe para o Brasil um outro animal marinho que estabeleceu colônia no País: o mexilhão dourado (*Limnoperma fortunei*), de origem asiática. O molusco primeiro apareceu nos anos 90, no Rio da Prata, na Argentina. Hoje está presente em vários rios do sul do Brasil. Um dos danos causados pelo mexilhão é grudar nas turbinas da usina de Itaipu, em Foz do Iguaçu, no Paraná, exigindo a limpeza das engrenagens.

O próprio siri-de-espinho já foi detectado em outros Estados. Em 95 foi flagrado no Rio e hoje já se encontra em outros seis Estados. A espécie colonizou o Mediterrâneo oriental e, na década de 90, migrou para o Atlântico, possivelmente a bordo dos compartimentos de água de lastro de embarcações que fizeram escala em portos israelenses. Também na década de 80, exemplares da espécie foram registrados em Cuba, na Venezuela e no Caribe colombiano.

O nome popular da espécie de siri tem origem na abundância de espinhos na parte anterior da sua carapaça: são vinte pontas afiadas. Verde, com manchas vermelhas, o maior animal capturado em Tamandaré foi um macho com 8,5 centímetros de largura de carapaça e 100 gramas. Uma das fêmeas ovadas tinha a metade desse tamanho.

Nenhuma das dez espécies de siri nativas tem espinhos tão proeminentes e numerosos. "Esse é outro aspecto que torna o siri-de-espinho ainda mais competitivo. Com mais espinhos, ele tem mais chances de se defender dos predadores, a exemplo de peixes carnívoros, como mero e a bicuda", explica Petrônio Cunha, da UFPE.

O carcinólogo (especialista em crustáceos) explica que os siris comem outros animais em decomposição e também são predadores. Vivem mais de cinco anos e têm uma reprodução sexuada.

Dois tipos de camarão também se constituem espécies invasoras. O crustáceo é tão grande - atinge 250 gramas e mais de 30 centímetros - que pode até devorar camarões nativos, segundo a bióloga Maria do Carmo Ferrão Santos.

Nos últimos três anos, o Ibama detectou no litoral nordestino duas espécies de camarão do Oceano Pacífico. De acordo com os pesquisadores, os crustáceos foram introduzidos no Brasil para o cultivo em fazendas e, provavelmente, escaparam de viveiros durante o período chuvoso. Os invasores são o tigre-gigante (*Penaeus monodon*), detectado em 2001, e o camarão cinza (*Litopenaeus vannamei*), registrado em 2002. Assim como o siri-de-espinho, ambos estão se reproduzindo no litoral nordestino e se constituem numa ameaça às espécies nativas.

O gigante foi encontrado no Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. O crustáceo é tão grande - atinge 250 gramas e mais de 30 centímetros - que pode até devorar camarões nativos, segundo a bióloga Maria do Carmo Ferrão Santos. O cinza é bem menor que o tigre-gigante, mas não menos ameaçador. Nas lagoas de Papari e Guaraíras, do Rio Grande do Norte, o *Litopenaeus vannamei* corresponde a 70% dos camarões capturados na natureza.